



# CÔA VISÃO

**CULTURA E CIÊNCIA**

Nº 6 - ANO DE 2004

EDIÇÃO DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

# CÔA AVISÃO

**CULTURA E CIÊNCIA**

Nº 6 · ANO DE 2004

TRABALHO COORDENADO POR

**ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO**

**Foto da capa:**

O «Rio Côa, junto à foz, preguiçoso e adormecido, alheio às polémicas que se passavam na parte de cima...»

**Composição e impressão:**

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa  
Depósito legal n.º 121116/98  
ISBN 972-8763-10-7

---

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ-CÔA  
2004

# O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório

---

VÍTOR OLIVEIRA JORGE \* JOÃO MURALHA CARDOSO \*\*  
LEONOR SOUSA PEREIRA \*\*\* ANA MARGARIDA VALE \*\*\*\*  
ANTÓNIO SÁ COIXÃO \*\*\*\*\*

---

## 1. INTRODUÇÃO

Os leitores da “Côavisão” conhecem já, a partir de trabalhos publicados em volumes anteriores (ver bibliografia), o sítio do Castanheiro do Vento, local pré-histórico monumental que domina a Ribeira da Teja, na freguesia de Horta do Douro. Não iremos, pois, alongar-nos em questões preliminares e descrições já repetidamente apresentadas. Para os leitores interessados na problemática que este tipo de sítios levanta, apresentamos ampla bibliografia e, através dos nossos mails, estamos à disposição constante da comunidade para todos os esclarecimentos.

Este artigo portanto tem como principal objectivo o de comunicar, à comunidade regional, os resultados dos trabalhos de 2003, tal como basicamente se plasmaram em relatório já remetido ao Instituto Português de Arqueologia (IPA) e ao Instituto Português do Património Arquitectónico. Trata-se de um simples relatório, mas que constitui um documento para o futuro, sobre as nossas condições de “produção do passado”, ou seja, do conhecimento em arqueologia no Portugal do início do séc. XXI.

Pensamos de facto que é dever de qualquer arqueólogo consciente divulgar o resultado das suas pesquisas a todas as escalas e para todos os tipos de público, se possível à medida que as pesquisas vão prosseguindo. Por isso temos levado os dados e reflexões produzidos tanto a colóquios locais e regionais, como nacionais e internacionais, sendo significativa a massa informativa que já está disponível em inglês, “o latim” dos nossos dias, como língua científica (ver bibliografia).

Herdando a experiência e a enorme escola que foram as escavações de Castelo Velho de Freixo de Numão, as quais, a partir de 1989, abriram novos horizontes à pesquisa deste tipo específico de sítios, os trabalhos de Castanheiro do Vento pretendem atingir vários fins. Enumeremo-los brevemente:

- conhecer e valorizar um sítio que, sendo do mesmo tipo *genérico* do de Castelo Velho, é diferente, específico, constituindo um recurso científico e patrimonial inestimável, e permitindo portanto, não só comparações frutuosas, como, a outro nível, a valorização de circuitos de visita (chamemos a esta faceta a de *complementaridade*);
- manter e consolidar a equipa que se foi cristalizando em volta dos trabalhos desta região, no domínio da Pré-história, numa frutuosa colaboração, pouco frequente, entre Universidade e instituições locais (denominemos este aspecto o de *institucionalização de uma escola*, fugindo aos protagonismos individuais, de tão larga tradição em Portugal);

---

(\*) Arqueólogo. Prof. da Univ. do Porto. Faculdade de Letras (DCTP). E-mail: [vojsoj@sapo.pt](mailto:vojsoj@sapo.pt). Coordenador científico do projecto EVASAFREN.

(\*\*) Arqueólogo. Museu da Cidade de Lisboa. Mestre em Arqueologia pela FLUP. Estudante de Doutoramento, Univ. do Porto (bolseiro FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia). E-mail: [muralha@netcabo.pt](mailto:muralha@netcabo.pt)

(\*\*\*) Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela FLUP. Instituto Português de Arqueologia (Extensão de Vila do Conde). E-mail: [leonorsp@hotmail.com](mailto:leonorsp@hotmail.com)

(\*\*\*\*) Arqueóloga. Mestre em Arqueologia pela FLUP. E-mail: [anavale@iol.pt](mailto:anavale@iol.pt)

(\*\*\*\*\*) Arqueólogo. Mestre em Arqueologia pela FLUP. Presidente da direcção da ACDR de Freixo de Numão. E-mail: [freixo.acdr@clix.pt](mailto:freixo.acdr@clix.pt)

- tentar, com o nosso esforço, conseguir que tanto as autoridades nacionais, como os colegas além-fronteiras se interessem por Castanheiro do Vento, compreendendo que, pelo “know how” acumulado (talvez único para este tipo específico de sítios murados em xisto), estão constituídas as bases humanas e técnicas para a elaboração de um *projecto europeu sobre as primeiras arquitecturas de terra*;
- servindo o sítio como estação-escola da Universidade do Porto e de outras Universidades e organismos do ensino Superior, gerar e consolidar novas vocações para este tipo de trabalho interdisciplinar, conjugando ciência, serviço público, formação, animação cultural regional, e enriquecimento do património.

## 2. PESQUISA DE CAMPO EM 2003

### 2.1 Condições em que se efectuaram os trabalhos

Antes do começo dos trabalhos propriamente ditos, foi feita uma limpeza de mato sumária na área a intervir, e quadriculado o terreno pelo topógrafo, para tirar o máximo partido das escassas semanas da campanha anual.

Tais trabalhos efectuaram-se, com a presença de toda a equipa (c. de 30 pessoas em média, essencialmente estudantes universitários portugueses e estrangeiros – nomeadamente escoceses -, e um dos signatários (AMV), cuja dissertação de mestrado - já defendida na FLUP em 25 de Março de 2004 - incide sobre aspectos da estação) entre 7 de Julho e 2 de Agosto (21 dias úteis).

Durante a primeira semana, que inicialmente não estava prevista, dirigiram os trabalhos VOJ e AMV. Recordamos ainda que um outro de nós (JMC) prepara uma dissertação de doutoramento sobre o sítio, como bolseiro da FCT (sendo portanto temporariamente o único elemento da equipa que pode dedicar-se à investigação do sítio em “full time”) a apresentar à FLUP.

Em Agosto, entre 18 e 23, foram realizados alguns trabalhos complementares (incluindo cobertura das áreas intervencionadas mais em risco de degradação, e limpeza de mato com uma moto-serra que teve de se adquirir), por uma equipa reduzida (VOJ, JMC, José Manuel Varela, Gonçalo Leite Velho, Bárbara Carvalho, e, parcialmente, LS P) o que deu a esta campanha de 2003 um total final de 27 dias de tempo útil, tornando-a na maior jornada de trabalho de campo contínuo até hoje realizada no sítio.

Colaboraram permanentemente nas escavações duas desenhadoras (Bárbara Carvalho, e Lídia Azevedo, funcionária da FLUP, mas aqui em regime de avaliação como aluna do 1º ano do curso de Arqueologia) e, mais uma vez, uma licenciada com interesse particular no estudo de restos de fauna, e preparando uma pós-graduação nesse âmbito (Cláudia Costa).

Também estiveram presentes estudantes da FLUP que, ou concluíram o seu relatório final de curso de licenciatura em Arqueologia sobre aspectos específicos da estação, nomeadamente Nelson Borges (“bastião B”), ou ultimavam na altura a sua preparação - Rui Barbosa (“bastião C”) -, ou se preparam para concluir idênticos estudos no ano lectivo de 2003/2004 - Clara Gaspar (“bastião D”) e Gustavo Cunha (técnicas construtivas).

A estação, durante os trabalhos, foi visitada por diversos colegas, com os quais foi possível debater problemas de investigação, e de conservação/restauro/valorização. Refira-se, entre outros, os Professores Jorge de Alarcão, Raquel Vilaça e Domingos Cruz, da Universidade de Coimbra, e a antracologista Doutora Isabel Figueiral, que participou nas escavações durante vários dias, na companhia de uma sua assistente francesa, dando exemplo de companheirismo científico que é de registar.

Os trabalhos foram também alvo da atenção de diversos responsáveis da região, nomeadamente fiscais da Câmara Municipal de Foz Côa, e pela Sra Arquitecta da mesma Câmara, perante o alerta que fizemos de que se verificavam movimentos de máquinas no monte que inclui a estação, pondo a mesma parcialmente em risco (quer em Julho, quer em Agosto). Foram também notificados do assunto o IPA e o IPPAR.

Tal situação acabou por despoletar um encontro no local (em Agosto) entre o novo proprietário de terrenos que abarcam a periferia do sítio (sediado em Macedo de Cavaleiros, e que adquiriu na zona muitas propriedades antes dedicadas à produção de eucaliptos, que agora pretende “reciclar”), responsáveis do IPPAR - Porto (em particular o Dr. Miguel Rodrigues) e os signatários.

Como se disse, quer nos primeiros dias de Agosto, quer já na semana-extra que começou a 18 do mesmo mês, teve de se proceder à cobertura das áreas exumadas, principalmente das mais sensíveis. Tal cobertura, dada a continuada escassez de meios, foi de novo feita com oleados que nos foram gentilmente oferecidos, e completada com gravilha (granito moído) e pedras.

Foram também retiradas da área, com a ajuda de máquinas escavadoras, as terras provenientes das escavações, e espalhado herbicida, por diversas vezes, numa zona ampla do sítio intervencionado, para evitar a total destruição das estruturas que se vão exumando.

No dia 31 de Julho, aproveitando um helicóptero fretado pelo IPPAR para Castelo Velho, foi possível fazer mais uma rápida deslocação ao Castanheiro do Vento, com o fim de obter novas fotos aéreas do local e suas imediações, e de também o filmar no estado actual. Nesta acção (VOJ, JMC, LSP) fomos de novo acompanhados por um fotógrafo profissional (Danilo Pavone).

Tendo apenas sabido da concretização do voo algumas horas antes, foi feito um esforço enorme naquele dia, pelo conjunto da equipa, para, em poucas horas, retirar alguma da gravilha e de coberturas de protecção que impediam a visão aérea das estruturas. Agradecemos a todos os estudantes o seu entusiasmo nesta acção e o seu empenho nos trabalhos. Aliás, é também para eles, bem como para o conhecimento do património cultural, que mantemos esta acção de pesquisa e de valorização de Castanheiro do Vento. Cremos que essa mensagem começa a passar, e que a sensibilização para a nossa acção acabará por vencer as indiferenças, as inércias e as resistências, permitindo-nos continuar a trabalhar visando o serviço público e o da ciência arqueológica. Embora não possamos deixar de pensar que só com muita força de vontade – simbolizada no que se fez no dia 31 de Julho de 2003 – se pode prosseguir esta tarefa.

Os meios utilizados nesta campanha, para além daqueles que são propriedade dos signatários (veículos, máquinas fotográficas, instalações para depósito temporário dos materiais e seu tratamento, etc.), foram basicamente concedidos pelo Instituto Português de Arqueologia (PNTA), pelas Juntas de Freguesia de Horta do Douro e de Freixo de Numão, e pela ACDR de Freixo de Numão.

Agradecemos, mais uma vez, à colega Ana Leite da Cunha, assessora do IPPAR, bem como à Prof.<sup>a</sup> Susana Oliveira Jorge, da FLUP, a colaboração prestada.

Não podemos também deixar de destacar o empenhamento com que o Dr. Gonçalo Leite Velho, do IPT, nos ajudou em Agosto. A ele e à Dra. Alexandra Leite Velho, do IPT, devemos a criação e manutenção gratuita do portal das escavações na Internet ([www.freixonumao.pt.vu](http://www.freixonumao.pt.vu)), bem como toda a gestão das inscrições e participações de colaboradores nos trabalhos. Bárbara Carvalho foi incedível de competência e disponibilidade na sua acção, que incidiu sobretudo no desenho de estruturas, interrompendo férias em Agosto para nos ajudar gratuitamente – não esqueceremos essa atitude. Também JMV, acima citado, é credor da nossa gratidão.

Estas pessoas – como as que integram a “equipa nuclear” de Castelo Velho, M.<sup>a</sup> de Lurdes Oliveira, Sérgio Gomes, Lídia Baptista – fazem pensar no que é um fenómeno geral e preocupante deste país, ou seja, o de estarmos a formar pessoas bastante competentes no estudo deste tipo de sítios, e que poderiam desenvolver connosco uma pesquisa de nível europeu, para a seguir correremos o risco de não ter meios de assegurar a continuidade das suas investigações, num domínio que é uma das frentes da investigação pré-histórica europeia – o das arquitecturas de “recintos murados”, como o recente livro, dirigido por Susana Oliveira Jorge (2003) amplamente demonstra.

As escavações voltaram a servir em 2003 como “estação-escola” para muitos estudantes da licenciatura em Arqueologia da FLUP, apesar da Universidade do Porto ainda não ter contribuído naquele ano com qualquer apoio, já no entanto concedido (à ACDR) para 2004. Ainda que se trate de uma verba simbólica (2.000 euros) é o prenúncio de uma atitude nova – os nossos agradecimentos à Reitoria da UP e em particular ao seu Vice-reitor, Prof. Doutor José Ferreira Gomes.

Pensamos que estes trabalhos não só devem passar a ser inscritos nas actividades do DCTP-FLUP (uma vez que já são oferecidos aos estudantes das unidades de Trabalhos Práticos para obtenção de créditos), como devem ser regularmente apoiados pela Universidade.

Um organismo de ensino superior universitário com o prestígio da UP, que um de nós (VOJ) se honra de servir desde 1974, onde outros de nós obtiveram pós-graduações (JMC, LSP, ASC, AMV) criou uma licenciatura em Arqueologia (a primeira do país), aplica os seus docentes em acções de formação no exterior durante meses de trabalho, disponibiliza tais acções oficialmente aos alunos, e portanto tem de

tirar daí as consequências, no sentido da total institucionalização de tais acções, de óbvio interesse científico e pedagógico.

Voltando ao relatório propriamente dito do que aconteceu em 2003, alguns elementos da ACDR transportaram diariamente a equipa de voluntários desde a sua base logística em Freixo de Numão; esse transporte foi também assegurado por duas viaturas de “todo o terreno”, uma de um dos signatários, e outra emprestada. Dado que o próprio almoço se realiza em Freixo, estas viagens envolvem para a ACDR a deslocação de duas carrinhas que fazem 80 km/dia (por estrada, o sítio fica a c. de 20 km. de Freixo de Numão). Também um andaime que nos permitiu obter fotografias de conjunto das estruturas que iam sendo exumadas – e que é um elemento essencial neste tipo de trabalhos - teve de nos ser emprestado pelo familiar de um dos signatários, a quem agradecemos.

Outra entidade de quem esperamos alguma cooperação é a Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. Quanto ao Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP), a que um de nós (VOJ) pertence, tem permitido a obtenção de algumas datações pelo C14 na Universidade de Uppsala, dispendiosas porque feitas pelo método AMS. É de desejar que este Centro FCT – classificado como “very good” na última avaliação – e dirigido pela Prof.<sup>a</sup> Conceição Lopes, da UC, se dinamize ao ponto de integrar “investigadores associados”, o que seria uma forma de ajudar a consolidar uma equipa que, até agora, se baseia apenas em compromissos precários, embora muito estimáveis, como são os da amizade e confiança mútua. A institucionalização da ciência precisa mais do que isso.

Também do IPA e/ou do IPPAR, já fundidos, ainda por fundir num só organismo, ou para sempre autonomizados (já pouco importa, desde que haja mais e melhor arqueologia e aumento de profissionais qualificados com garantias de trabalho) se espera outro apoio a breve trecho, nomeadamente no quadro de um projecto condigno que permita candidatar o Castanheiro do Vento a uma acção com escala e visibilidade, e que o permita pôr na rota dos sítios visitáveis no concelho e na região do Côa.

Às vezes esquecemo-nos de que estamos aqui perante um sítio ímpar, localizado numa região ímpar – a única que no nosso país possui um património arqueológico – as gravuras do Côa – classificado como património da humanidade. Castanheiro do Vento é demasiado importante como recurso de Horta do Douro, do concelho, da região, do país, e da península ibérica, para poder ser esquecido ou deixado ao abandono.

## 2.2 Descrição sumária dos trabalhos

As principais acções efectuadas foram:

- Limpeza e quadriculagem (por topógrafo) da área a intervencionar, na continuidade do que havia sido feito em 2002, concentrando-nos na zona sul da área de trabalho, onde parecia esboçar-se - como se veio a confirmar – a existência de um recinto secundário em relação ao recinto principal definido nos últimos anos. Continuação da desobstrução (através de “cadeias humanas”, pois não dispomos de meios para contratar “trabalhadores braçais”, se é que a expressão não caiu em desuso), de muitas pedras acumuladas nas áreas a estudar.
- Decapagem superficial (mais uma vez muito dificultada pelas raízes dos carrascos, abundantes e profundas) e registo das estruturas visíveis, sobretudo da zona do referido recinto secundário, numa área de mais de 100 unidades, num total de mais de 400 m2 intervencionados. Significa isso que a superfície atingida pelos nossos trabalhos, em grau maior ou menor, desde 1998 até hoje, já ultrapassa largamente os 1.100 m2 (indicamos um cômputo geral, apenas para se ter uma medida de grandeza do esforço investido).

Tal decapagem permitiu:

- ver e registar em desenho uma extensão significativa de base pétreia de parede, “muralha” (ou muro) delimitador do recinto secundário, o qual parece configurar-se como tendo uma estrutura ovóide, mas irregular (periferia mais arredondada a norte, e mais rectilínea a sul);
- expor parte das áreas envolventes de tal recinto, e seu interior, sobretudo nas respectivas zonas norte, e leste (junto ao estradão);

- detectar a presença de duas “portas” ou “passagens” monumentais na periferia leste deste recinto secundário (a passagem NE ou nº 4, e a SE, ou nº 5), localizadas junto ao estradão. Este danificou mesmo seriamente o troço de murete que se encontra entre as duas “portas”, reduzindo-o praticamente à fiada basal de pedras, assente na argila de base, na área imediatamente para norte da “porta” 5;
- confirmar que ambas essas “portas” foram colmatadas num “momento” final de utilização deste espaço (trata-se obviamente de uma expressão convencional, pois estamos decerto perante o resultado de uma complexa sequência de actividades) segundo um processo sistemático de “petrificação”;
- verificar que a parte interior do recinto secundário se encontra muito danificada (provavelmente pela agricultura), espessando-se os depósitos à medida que, do centro, nos aproximamos da periferia interna do murete delimitador. Parte desses depósitos deve-se a petrificação final do local, tal como acontece com a obturação de determinadas “portas” ou “passagens”, e com o interior dos chamados “bastiões”;
- continuar a escavar a área interior do chamado “bastião” D, incluindo sedimentos que lhe estão subjacentes;
- desmontar e escavar parcialmente a área central da chamada “torre” anexa ao “bastião D”, confirmando que assenta em sedimentos muito provavelmente anteriores à construção pétrica hoje visível. A ser uma “base de torre”, é pois maciça, e não oca;
- iniciar a decapagem, mais extensa e cuidada do que no ano anterior, de uma área do murete delimitador do recinto principal, contígua e para norte do recinto secundário, na qual se adivinha a existência de uma passagem monumental (“porta” ou “entrada” 3). A complexidade das estruturas que se começaram a revelar, e a manifesta falta de tempo e de meios para realizar um trabalho rigoroso, obrigaram-nos a parar a sua análise (como infelizmente tem acontecido em tantos pontos do sítio).

### 2.3 Estruturas do local – visão de conjunto

Em síntese, após a campanha de 2003 ressaltam as seguintes características estruturais do sítio:

- no recinto principal, base de parede, “muralha”, ou muro de duas faces (com cerca de 1,5 m. de largura em média), descrevendo um arco, pois tem um primeiro troço (por ordem de achamento) orientado genericamente no sentido NW-SE, e um segundo troço, que se dispõe no sentido norte-sul. A ela vêm-se acoplar quatro “bastiões” (A, B, C e D), em posição exterior (isto é, para Norte – “bastião” A -, e para Este – “bastiões” B, C e D), ou seja, para o lado do estradão que permite o acesso, e contorna, a área intervencionada.

Podemos designar convencionalmente este primeiro troço de parede, “muralha”, ou murete delimitador do recinto principal, como “muralha 1” (m1). Descreve, como já escrevemos em trabalhos anteriores, um arco de grande amplitude;

- recinto secundário, acoplado para sul ao principal, e constituído por uma parede de base pétrica, muro, ou “muralha” (m2), parecendo configurar uma espécie de espaço “avançado” (AV.) em relação àquele primeiro recinto, e tendo pelo menos duas “passagens” e um “bastião”.

### 2.4 “Material” (objectos amovíveis) recolhido

Foram como de costume exumados milhares de restos de artefactos, constituídos por fragmentos de recipientes e outros objectos cerâmicos, moinhos manuais em granito, inteiros ou, com mais frequência, fragmentados (elementos moventes e dormentes), percutores (em geral em quartzo), seixos de rio (sobretudo em quartzito), lascas e núcleos de quartzo. Também ocorreu, de novo, a barro de revestimento, mais ou menos abundante conforme as áreas. Cada vez mais se confirma que a argila tinha um papel muito relevante em toda a técnica construtiva deste tipo de sítios.

Apareceram, tal como em anos anteriores, certos marcadores espaciais, como “estelas” (lajes alongadas, em regra afeiçãoadas sumariamente), que não fazem apenas parte das construções, como elemento estrutural das mesmas, mas têm uma intenção “simbólica”.

Foram de novo recolhidas numerosas amostras de carvão para análise antracológica (enviadas, como de costume, à Doutora Isabel Figueiral) e, nalguns casos, para datação pelo C14 (publicamos aqui já provas destas obtidas no laboratório da Univ. de Uppsala - neste último caso, correspondem a 11 amostras, seis das quais para sedimentos provenientes da área interna do chamado “bastião” D). No conjunto, as datações obtidas permitem situar a principal instalação do homem em Castanheiro do Vento entre os inícios do 3º milénio a. C. e a segunda metade (c. 1.300/1.200 a.C.) do 2º milénio a. C. (datas calibradas a 2 sigma), embora a “monumentalização” do local (mera hipótese temporária) possa ser só dos meados do 3º milénio a. C.

Pequenos fragmentos de osso (fauna) foram recolhidos em campo, como já referimos, pela Dra Cláudia Costa (arqueóloga com vocação para a arqueozologia, de cuja colaboração usufruímos em permanência, a título gracioso, e que já produziu sobre eles um relatório preliminar – em colaboração com o Prof. João Luís Cardoso, da Univ. Aberta, Lisboa, cujo contributo agradecemos).

Todo o material exumado está a ser objecto de análise, após lavagem e marcação. Para tal encontra-se parcialmente em posse temporária de alguns dos signatários. A título também temporário, naturalmente, e para fins de pesquisa e preparação de trabalhos universitários, encontram-se materiais na posse de várias pessoas atrás mencionadas, nomeadamente Clara Gaspar (licenciatura a concluir em 2004).

Todos os registos - incluindo imagens fotográficas digitalizadas, cópias de vídeos, originais de desenhos, etc., e o habitualmente signado “espólio” (=materiais arqueológicos, amostras diversas) da estação - destinar-se-ão, no futuro (isto é, logo que estudados), e salvo qualquer excepção, ou indicação superior em contrário, ao Museu local de Freixo de Numão (secção de Pré-história).

Milhares de fotos, vídeos, desenhos, notas de campo, ficarão de futuro armazenados em local onde possam eles, também, tornar-se “património”, ou arquivo de dados, ao dispor dos futuros estudiosos de Castanheiro do Vento. Pois o sítio, como local físico, e os documentos sobre ele produzidos, formam obviamente uma unidade – e só assim poderão ser úteis aos investigadores, dado ser impossível publicar toda a informação recolhida e permanentemente ampliada pelas nossas reflexões.

### 3. PORTAL NA INTERNET

Recordamos que Castanheiro do Vento consta dos seguintes portais:

<http://www.architectures.home.sapo.pt>

<http://freixonumao.pt.vu>

E que a página relativa às escavações de 2004 (pré-candidaturas e projecto provisórios) é a seguinte:

<http://websig.gt.estt.ipt.pt/castelovelho/ListaProv.asp>

Março de 2004

### BIBLIOGRAFIA PARA DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

- Alegria, José Alberto (2002), *Itinerários da Terra*, s/ ind. Ed.
- Baptista, Lídia (2003), *A Cerâmica do Interior do Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a Interpretação de Contextos de Uso*, Porto, FLUP (dissertação de mestrado, fotocopiada).
- Bradley, Richard (1998), *The Significance of Monuments*, London, Routledge.
- Carvalho, António Faustino (2003), O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, nº 2, pp. 229-273.
- Chapman, Robert (2003), *Archaeologies of Complexity*, London, Routledge.
- Coixão, António Sá (2000), *A Ocupação Humana na Pré-história Recente na Região de Entre Côa e Távora*, Freixo de Numão, ACDR.
- De HozOnrubia, Jaime, Maldonado Ramos, Luis & Vela Cossío, Fernando (2003), *Diccionario de Construcción Tradicional en Tierra*, San Sebastián, Ed. Nerea.
- Dethier, Jean (1993), *Arquitecturas de Terra*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Arte Moderna.
- Evangelista, Lucy Shaw (2003), *O Complexo Arqueológico dos Perdigoões e a Construção da Paisagem em Reguengos de Monsaraz*, Porto, FLUP (dissertação de mestrado, fotocopiada).

- Gomes, Sérgio R. (2003), Contributos para o Estudo dos “Pesos de Tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. Foz Côa). Exercícios de Interpretação do Registo Arqueológico, Porto, FLUP (dissertação de mestrado, fotocopiada).
- Guilaine, J & Zammit, J. (2002), El Camino de la Guerra. La Violencia en la Prehistoria, Barcelona, Ed. Ariel.
- Houben, Hugo, Guillaud, Hubert, *et al.*(1995- 2ª ed.), Traité de Construction en Terre, Marseille, Éditions Parenthèses.
- Jorge, Susana Oliveira (1986), Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras (3 vols.).
- Jorge, Susana Oliveira (1994), Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, Revista da Faculdade de Letras, 2ª série, vol. 11, pp. 447-546.
- Jorge, Susana Oliveira(1998), Later prehistoric monuments of Northern Portugal: some remarks, Journal of Iberian Archaeology, vol. 0, Porto, ADECAP, pp. 105-113.
- Jorge, Susana Oliveira (1999) Bronze Age settlements and territories on the Iberian Peninsula: new considerations, Gods and Heroes of the Bronze Age. Europe at the Time of Ulysses, Londres, Thames and Hudson, pp. 60-64.
- Jorge, Susana Oliveira *at al.* (1999), Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). Geschichte der Interpretationsversuche, Madriider Mitteilungen, vol. 40, 1999, pp. 80-96.
- Jorge, Susana Oliveira (2000), Domesticating the land: the first agricultural communities in Portugal, Journal of Iberian Archaeology, vol. 2, pp. 43-98.
- Jorge, Susana Oliveira (2001), Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Portugal) et la problématique des “habitats fortifiés” de la Péninsule Ibérique, Communautés Villageoises du Proche-Orient à l’Atlantique (dir. Jean Guilaine), Paris, Éd. Errance, pp. 241-252.
- Jorge, Susana Oliveira & Rubinos, Antonio (2002), Absolute chronology of Castelo Velho de Freixo de Numão (northern Portugal): data and problems, Journal of Iberian Archaeology, vol. 4, pp. 83-105.
- Jorge, Susana Oliveira (2002), From “fortified settlement” to “monument”: accounting for Castelo Velho de Freixo de Numão (Portugal), Journal of Iberian Archaeology, vol. 4, pp. 75-82.
- Jorge, Susana Oliveira (2003), Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, Journal of Iberian Archaeology, vol. 5, pp. 89-135.
- Jorge, Susana Oliveira (2003) (Coord.), Recintos Murados da Pré-história Recente, Porto/Coimbra, DCTP-FLUP / CEAUCP. Obra de referência sobre o tema em que se integra o projecto de Castanheiro do Vento.
- Jorge, Susana Oliveira (2003), Pensar o espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, Recintos Murados da Pré-história Recente, Porto/Coimbra, DCTP-FLUP / /CEAUCP, pp. 13-50.
- Jorge, S. O.; Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2003 – no prelo), Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/I. Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) - semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins, Actas do Colóquio Internacional “Sinais de Pedra”, Évora, Jan. de 2003 (ed.. M. Calado; versão ing. Ed. C. Scarre).
- Jorge, Vítor Oliveira (2003), Olhar o Mundo Como Arqueólogo, Coimbra, Quarteto Ed.
- Jorge, Vítor Oliveira (2003), A Irrequietude das Pedras. Reflexões e Experiências de um Arqueólogo, Porto, Ed. Afrontamento.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro), Côavisão, 4, pp. 73-93.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2002), Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal, Monuments and Landscape in Atlantic Europe (ed. Chris Scarre), London, Routledge, pp. 36-50.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2003), Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Côavisão, 5, pp. 99-131.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.: Coixão, A. S. (2003), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002), Journal of Iberian Archaeology, vol. 5, pp. 137-162.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S. : Coixão, A. S. (2003 – no prelo), O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) - balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, Portugalia, n. s., vol. XXIV.
- Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Pereira, L. S.; Coixão, A. S. (2003), A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V.ª N.ª de Foz Côa), Recintos Murados da Pré-história Recente, Porto/Coimbra, DCTP-FLUP / CEAUCP, pp. 79-113.
- Oliveira, Maria de Lurdes Cunha (2003), Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho de Freixo de Numão (V. N. de Foz Côa), Porto, FLUP (dissertação de mestrado, fotocopiada).
- Sanches, Maria de Jesus (2000-2001), O Crasto de palheiros (Murça). Do Calcolítico à Idade do Ferro, Portugalia, nova série, volume XXI-XXII, pp. 5-39.
- Vale, Ana Margarida (2003), Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz Côa). Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000), Porto, Faculdade de Letras (dissertação de mestrado, fotocopiada).
- Vega Toscano, Gerardo et al. (2003), La Prehistoria, Madrid, Ed. Síntesis.
- Velthem, Lúcia Hussak van (2003), O Belo é a Fera. A Estética da Produção e da Predação entre os Wayana, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim
- VV. AA. (2002), Architecture Traditionnelle Méditerranéenne, Avignon, École d’ Avignon.
- Whittle, Alasdair (1996), Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds, Cambridge University Press.

## ANEXOS

QUADRO 1

Referência laboratório	Código trabalho	Data de recolha	Camada	Qd	x	y	z	BP	Calibração BC	Contexto
Ua-20455	IV-7	07.02	3b	103.57	0.68	0.38	725.43	4145+/-45	2877-2619 (90.5%) 2610-2597 (3.2%) 2591-2582 (1.7%)	A 20 cm da bolsa n.º4 (terra cinzenta escura argilosa), subjacente ao "Bastião C", ou seja, à sua linha basal.
Ua-18039	II-2	18.07.00	3	110.52	0.40	1.45	725.76	4140+/-75	2886-2559 (90.1%) 2536-2495 (4.5%)	"Bastião A", enfiamento da entrada.
Ua-18041	II-4	28.07.00	3b	108.54	entre 1.00 e 2.00	entre 1.15 e 2.00	725.80 a 725.60	4065+/-70	2787-2463 (90.9%) 2536-2495 (4.5%)	Área Oeste, subjacente à linha basal do "Bastião B".
Ua-20453	IV-5	31.07.02	3b	103.57	0.90	0.72	725.54	4040+/-45	2680-2464 (89.1%) 2856-2813 (6.3%)	Interior da bolsa n.º4 (Terra cinzenta escura argilosa), subjacente à linha basal de construção do "Bastião C".
Ua-20454	IV-6	02.08.02	3b	103.57	0.85	0.41	725.45	4035+/-40	2639-2464 (89%) 2665-2645 (3.3%) 2838-2816 (3.1%)	Periferia da bolsa n.º4, de terra escura, subjacente à linha basal de construção do "Bastião C".
Ua-20452	IV-4	01.08.02	3b	104.57	0.40	0.06	725.61	4010+/-40	2623-2457 (95.4%)	Bolsa n.º 2, imediatamente subjacente à linha basal de construção do "Bastião" C. composta por terra escura silto-argilosa com alguns carvões e fauna muito fragmentada.
Ua-18697	III-5	04.08.01	3	107.55	0.57	1.93	725.85	4005+/-60	2681-2393 (86.2%) 2388-2336 (5.2%) 2856-2813 (3.9%)	Área com vestígios de estruturas.
Ua-18695	III-3	24.07.01	3b	109.55	1.10	1.81	725.48	3990+/-65	2667-2292 (92.5%) 2855-2814 (1.0%)	Interior da fossa subjacente à linha basal de construção do "Bastião B".
Ua-20451	IV-3	28.07.02	3b	104.57	0.92	0.65	725.75	3980+/-40	2580-2400 (89.7%) 2379-2348 (4.7%) 2618-2610 (1.0%)	Imediatamente abaixo da linha basal de construção do "Bastião C".

Ua - Laboratório de Uppsala (método AMS)  
Coordenadas dadas em metros (z = acima do nível do mar)

QUADRO 1 cont.

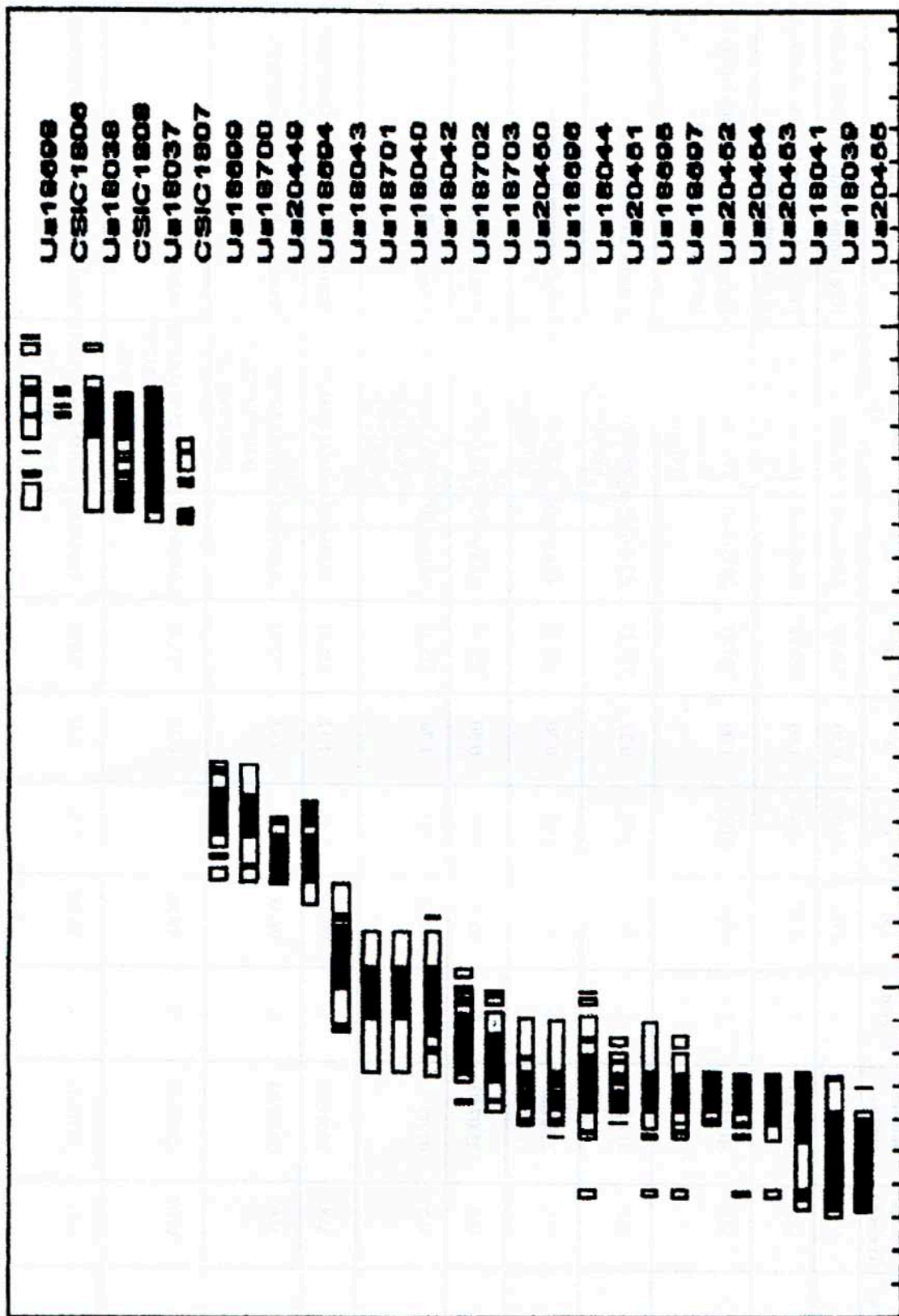
Referência laboratório	Código trabalho	Data de recolha	Camada	Qd	x	y	z	BP	Calibração BC	Contexto
Ua-18044	II-6	17.07.00	3	110.52	entre 1,20 e 2,00	entre 0,80 e 2,00	entre 725.80 e 725.95	3975+/-75	2679-2276 (91.1%) 2856-2814 (2.8%) 2253-2229 (1.5%)	Área SE do "Bastião A".
Ua-18696	III-4	24.07.01	3b	109.55	1.05	1.73	725.49	3975+/-60	2624-2289 (95.4%)	Topo da fossa subjacente à linha basal de construção do "Bastião B".
Ua-20450	IV-2	31.07.02	3b	103.58	0.44	1.74	725.58	3970+/-45	2580-2336 (92.5%) 2320-2309 (1.0%)	Subjacente ao "Bastião C".
Ua-18703	III-12	25.07.01	3b	109.55	entre 0,90 e 1,40	entre 1,10 e 2,00	entre 725.27 e 725.40	3935+/-60	2577-2277 (91.7%) 2252-2230 (2.4%) 2220-2206 (1.3%)	Fossa subjacente à linha basal de construção do "Bastião B".
Ua-18702	III-11	20.07.01	3b	108.55	0.79	0.97	725.56	3880+/-60	2492-2196 (93.4%) 2167-2144 (2.0%)	Subjacente à linha basal de construção do "Bastião B".
Ua-18042	II-5	27.07.00	3	108.55	entre 0,00 e 0,90	entre 0,00 e 2,00	entre 725.70 e 725.80	3810+/-75	2446-2112 (86.7%) 2101-2036 (8.7%)	Interior do "Bastião B".
Ua-18040	II-3	18.07.00	3	110.52	entre 1,20 e 2,00	entre 0,80 e 2,00	entre 725.80 e 725.90	3790+/-60	2354-2110 (75.4%) 2102-2035 (11.0%) 2404-2360 (5.8%) 2457-2420 (3.2%)	Área SE do "Bastião A".
Ua-18701	III-10	04.08.01	3	104.57	1.65	1.92	725.85	3790+/-60	2354-2110 (75.4%) 2102-2015 (11.0%) 2404-2360 (50.8%) 2457-2420 (3.2%)	"Bastião C", junto à parede interna, no topo Oeste.
Ua-18043	I-1	28.07.99	3	111.52	entre 0,00 e 1,40	entre 0,80 e 2,00	725.83	3715+/-75	2310-1886 (95.4%)	Área NE do "Bastião A".

QUADRO 1 cont.

Referência laboratório	Código trabalho	Data de recolha	Camada	Qd	x	y	z	BP	Calibração BC	Contexto
Ua-18694	III-2	27.07.01	3	107.54	0.62	0.26	726.10	3485+/-60	1956-1680 (93.2%) 1670-1658 (1.1%) 1651-1636 (1.1%)	Estrutura de combustão, área Este, no sentido do interior do sítio.
Ua-20449	IV-1	01.08.02	3	98.58	0.48	1.16	725.54	3475+/-40	1884-1687 (95.4%)	"Bastião D", área central. Subjacente ao conjunto de lajes de xistos, colocadas em "espinha".
Ua-18700	III-9	02.08.01	3	107.55	0.67	1.04	725.87	3400+/-60	1782-1524 (90.3%) 1878-1840 (8.0%) 31828-1793 (5.2%)	Sob a estrutura de combustão, na sua área central.
Ua-18699	III-8	04.08.01	3	104.56	1.00	0.27	726.05	3375+/-60	1776-1520 (90.3%) 1874-1842 (3.9%) 1810-1800 (1.1%)	"Bastião C", nicho central, adossado a uma estela.
CSIC-1807	III-13	19.07.01	2	106.55	entre 1.40 e 2.00	entre 0.00 e 2.00	725.94	2551+/-30	802-756 (44.6%) 648-542 (36.8%) 692-658 (14.0%)	Área da estrutura de combustão na zona Norte do quadrículado.
Ua-18037	III-1	26.07.01	2	108.55	1.02	1.00	726.01	2450+/-70	766-402 (95.4%)	"Bastião B", junto à face interna, a 15cm da "provável entrada".
CSIC-1808	III-14	19.07.01	2	106.55	entre 1.85 e 2.00	entre 0.00 e 2.00	726.03	2447+/-70	563-406 (53.9%) 761-680 (28.6%)	Exterior do "Bastião B", imediação da estrutura de combustão. Área de alterações profundas junto à face externa do "Bastião".
Ua-18038	II-1	27.07.00	2	110.49	entre 0.50 e 2.00	entre 0.00 e 2.00	725.56	2380+/-70	764-357 (93.6%) 285-258 (1.8%)	Interior do sítio, numa área com pedras rubefactas.
CSIC-1806	III-6	20.07.01	2	108.55	1.85	1.15	725.94	2357+/-60	520-378 (94.2%)	Limite da estrutura de combustão; área de alterações profundas.
Ua-18698	III-7	27.07.01	2	108.55	1.75	1.20	725.91	2355+/-60	563-352 (67.8%) 761-680 (14.9%) 295-230 (7.5%) 668-628 (3.6%) 593-574 (1.5%)	Limite da estrutura de combustão; área de alterações profundas.

CSIC - Laboratório de Madrid (método convencional)

QUADRO 2



3200

cal BC

2200

1200

200

cal AD

## ADENDA \*

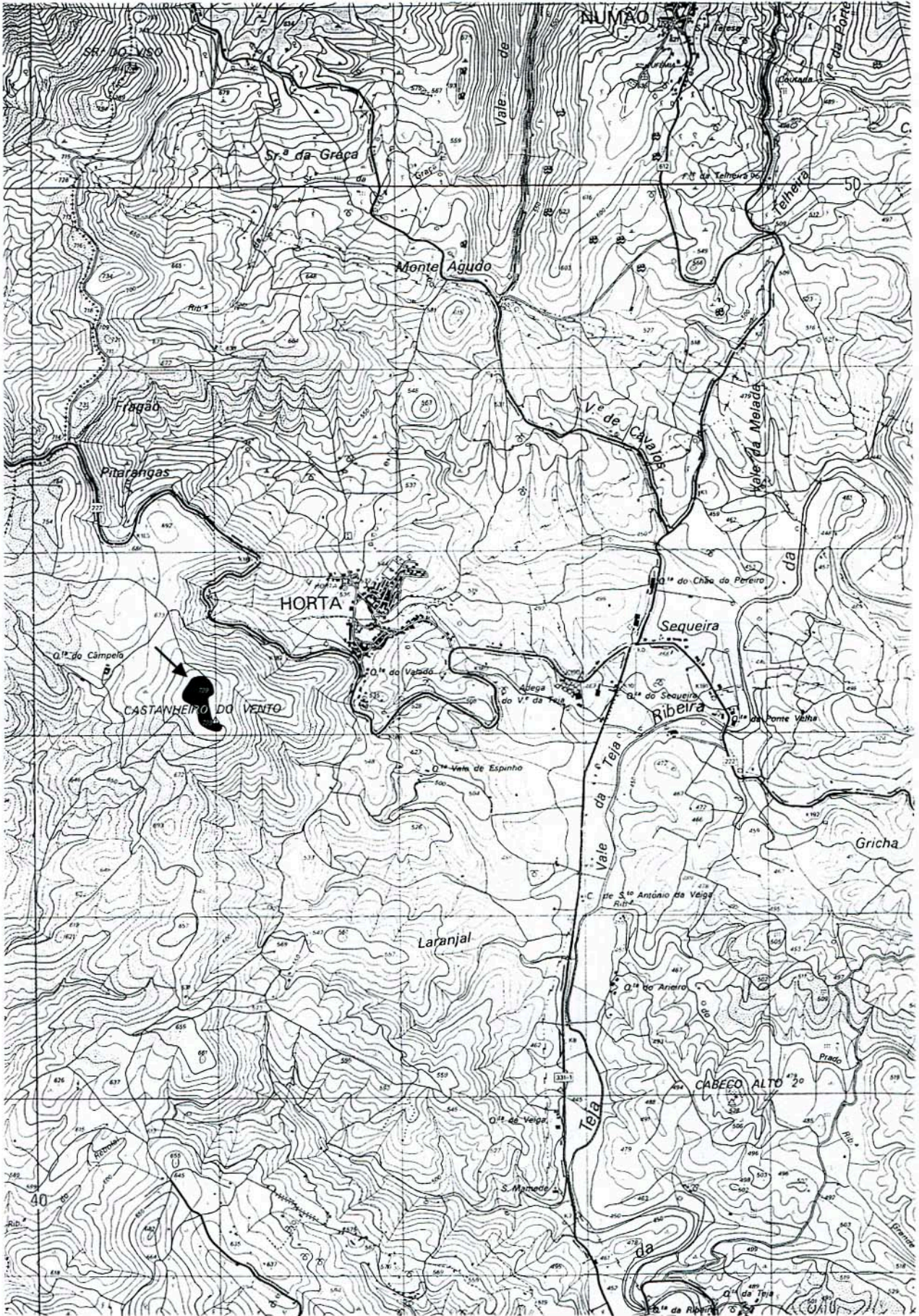
Referência do laboratório	Código Trabalho	Data de recolha	Camada	Qd	x	y	z	BP	Calibração BC	Contexto
Ua-22451	V-1	16.07.03	3	90.57	0.60	0.50	725.49	2330+/-40	550-200 (90.5%)	Face Interna do murete do sub-recinto
Ua-22452	V-2	30.07.03	3	86.62	1.08	1.60	724.78	2430+/-45	600-400 (60.2%) 770-610 (35.2%)	Entre pedras do enchimento interno do murete junto à passagem 5
Ua-22453	V-3	30.07.03	3	86.62	0.09	1.00	724.87	2395+/-40	550-390 (72.9%) 760-680 (19.6%) 670-640 (2.9%)	Entre pedras do enchimento interno do murete junto à passagem 5
Ua-22454	V-4	01.08.03	3	78.59	0.72	0.27	724.27	2200+/-45	390-160 (94.1%) 140-110 (1.3%)	Exterior do «Bastião» E
Ua-22455	V-5	23.07.03	3b	97.58	1.67	0.30	725.28	4090+/-50	2790-2470 (76.4%) 2870-2800 (19%)	10ª decapagem da «Torre»
Ua-22456	V-6	25.07.03	3	99.59	1.67	0.50	725.40	4400+/-65	3400-2700 (95.4%)	Interior do Bastião D
Ua-22457	V-7	07.03	3	98.59	0.37	1.74	725.42	4045+/-50	2700-2460 (84.9%) 2860-2810 (8.5%) 2750-2720 (2%)	Interior do Bastião D
Ua-22458	V-8	25.07.03	3	99.58	1.33	1.37	725.41	4020+/-80	2900-2300 (95.4%)	Interior do Bastião D, 4ª decapagem
Ua-22459	V-9	25.07.03	3	98.58	1.39	0.84	725.44	4010+/-50	2670-2390 (91.1%) 2840-2810 (2.2%) 2380-2340 (2.1%)	Interior do Bastião D, 4ª decapagem
Ua-22450	V-10	25.07.03	3	99.58	0.74	0.25	725.41	4095+/-50	2790-2550 (66.1%) 2880-2800 (20.2%) 2540-2490 (9%)	Interior do Bastião D
Ua-22461	V-11	28.07.03	3	99.58	0.74	1.20	725.44	4050+/-50	2700-2460 (83.3%) 2860-2810 (9.6) 2750-2720 (2.5%)	Interior do Bastião D, 4ª decapagem

\* Novas datas de C 14 já recebidas de UPPSALA em 2004

---

# ILUSTRAÇÕES

---



I. Localização de Castanheiro do Vento na Carta Militar n.º 140 – escala 1: 25.000 (aqui reduzido)

Castanheiro do Vento  
Concelho de Vila Nova  
de Foz Côa

P=155150

P=154900

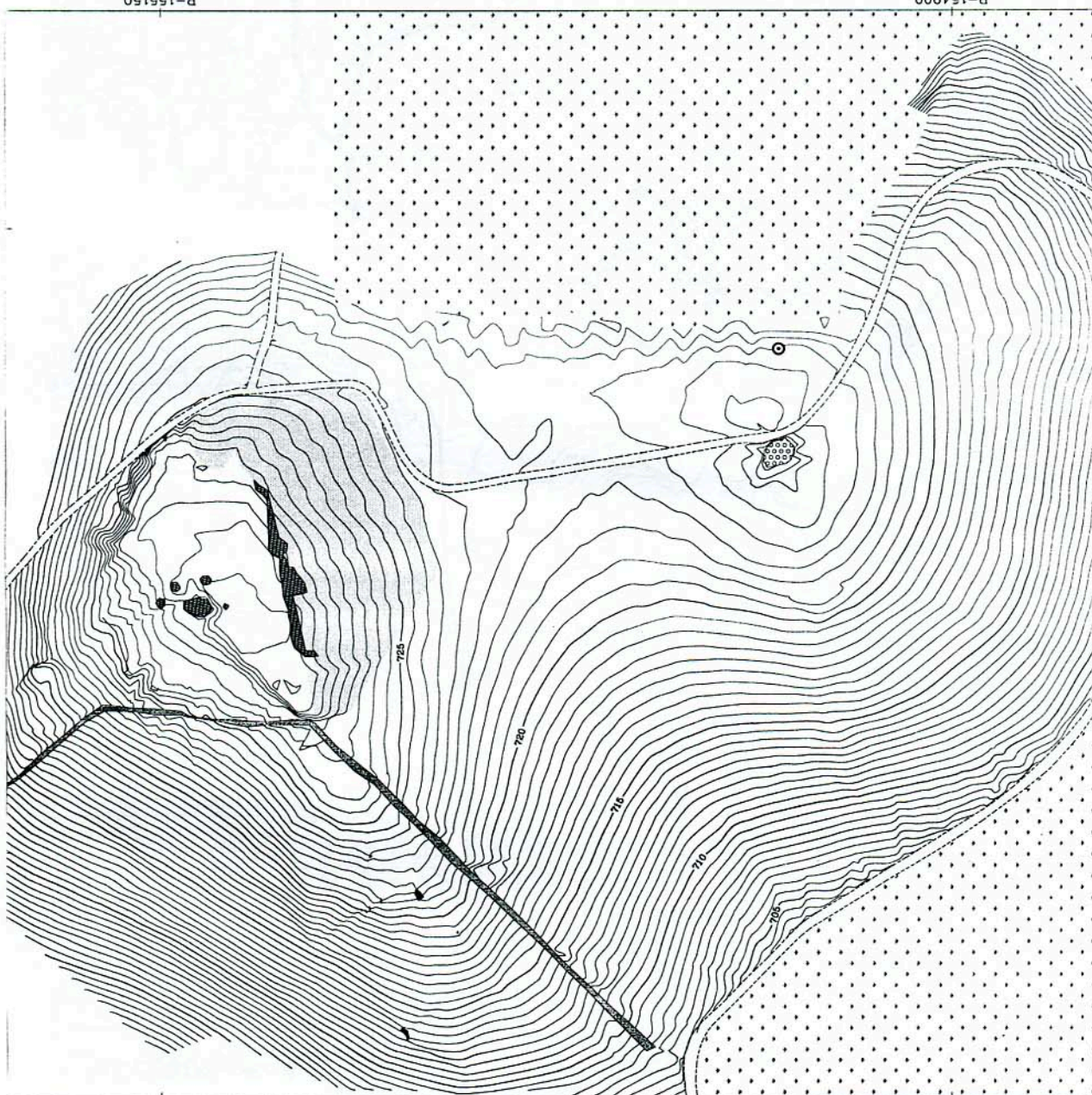


LEGENDA

- Curva de nível
- Afloramento rochoso
- Depósito de pedras de grandes dimensões
- Eucaliptal
- Caminho
- Marco Geodésico
- Amonitoado de pedras
- Sondagens arqueológicas
- Muro moderno
- Arbustos



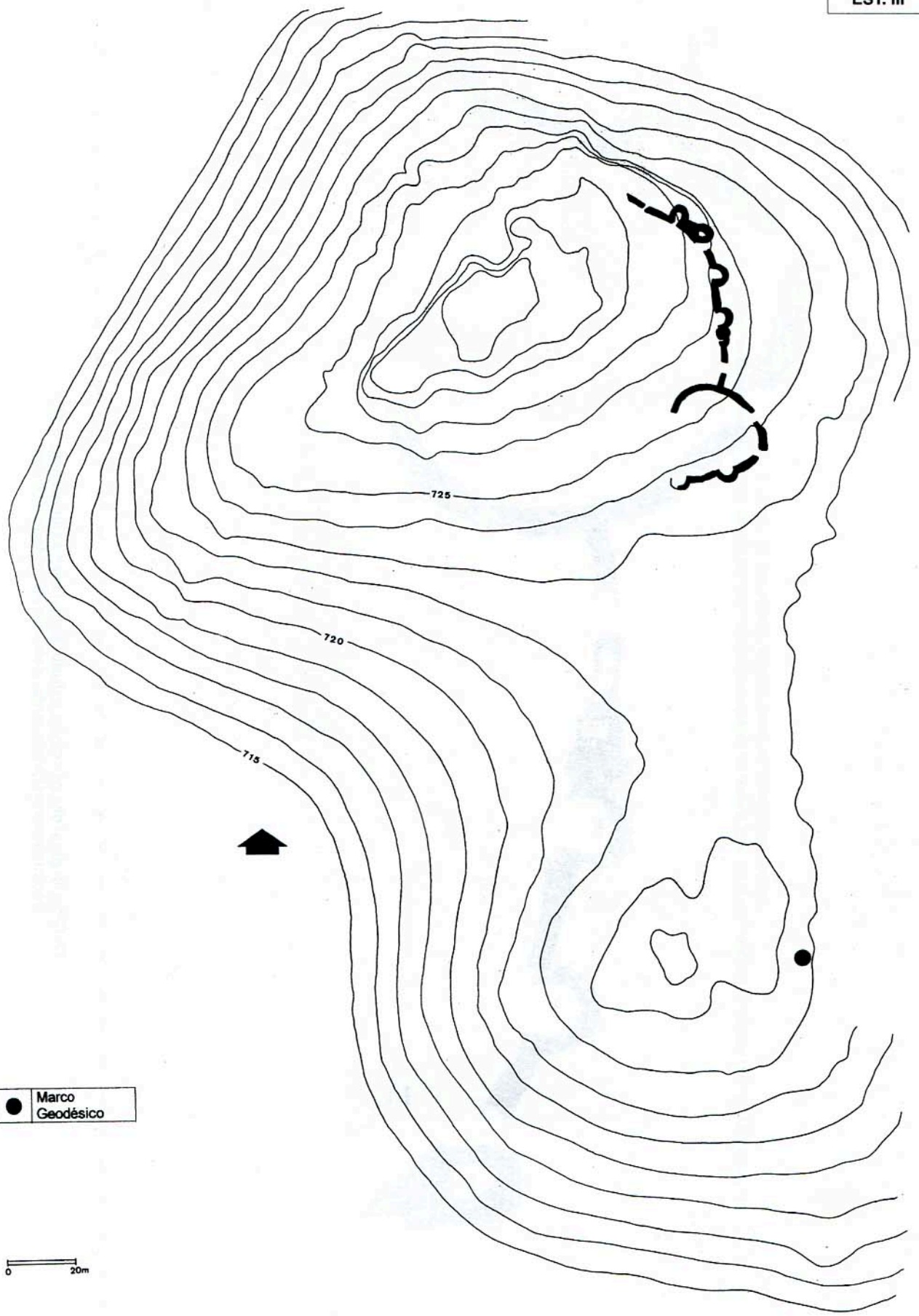
Coordenadas Gauss, Datum 73  
Origem no Ponto Central



P=155150

P=154900

II. Planta geral do topo da estação

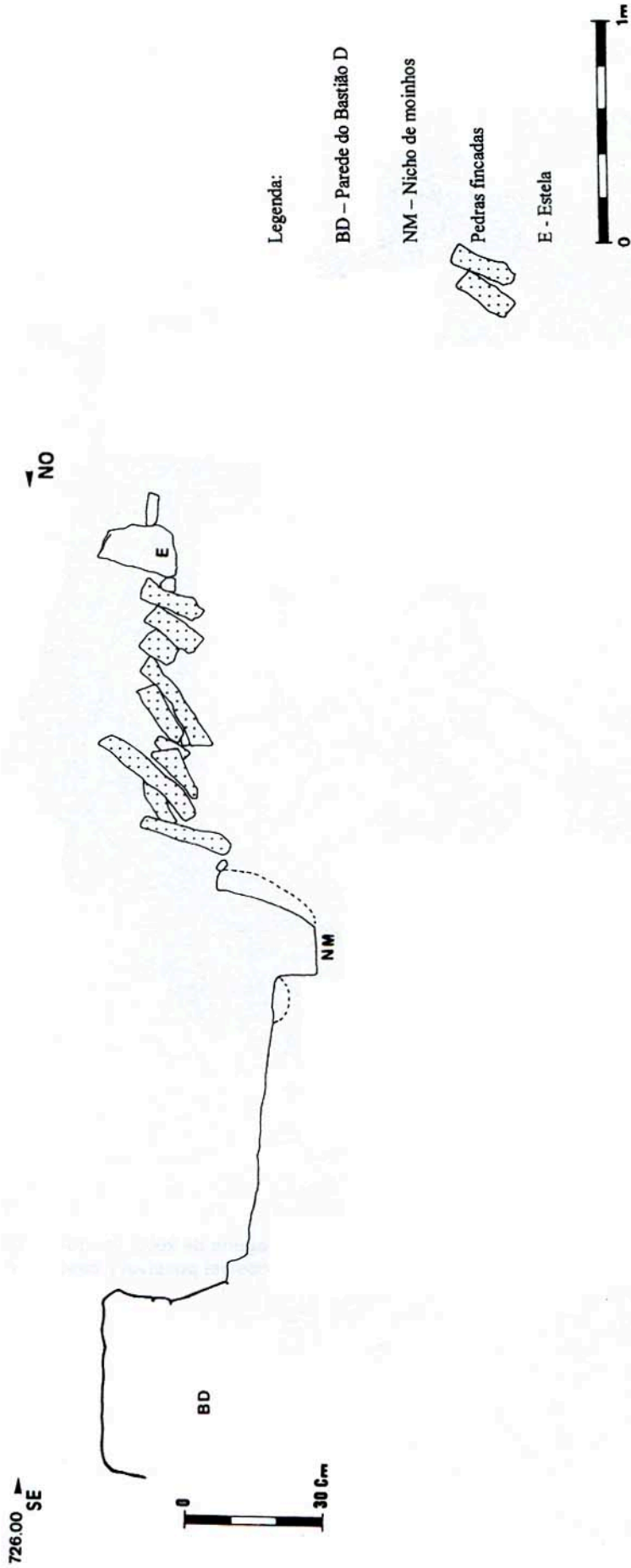


● Marco Geodésico

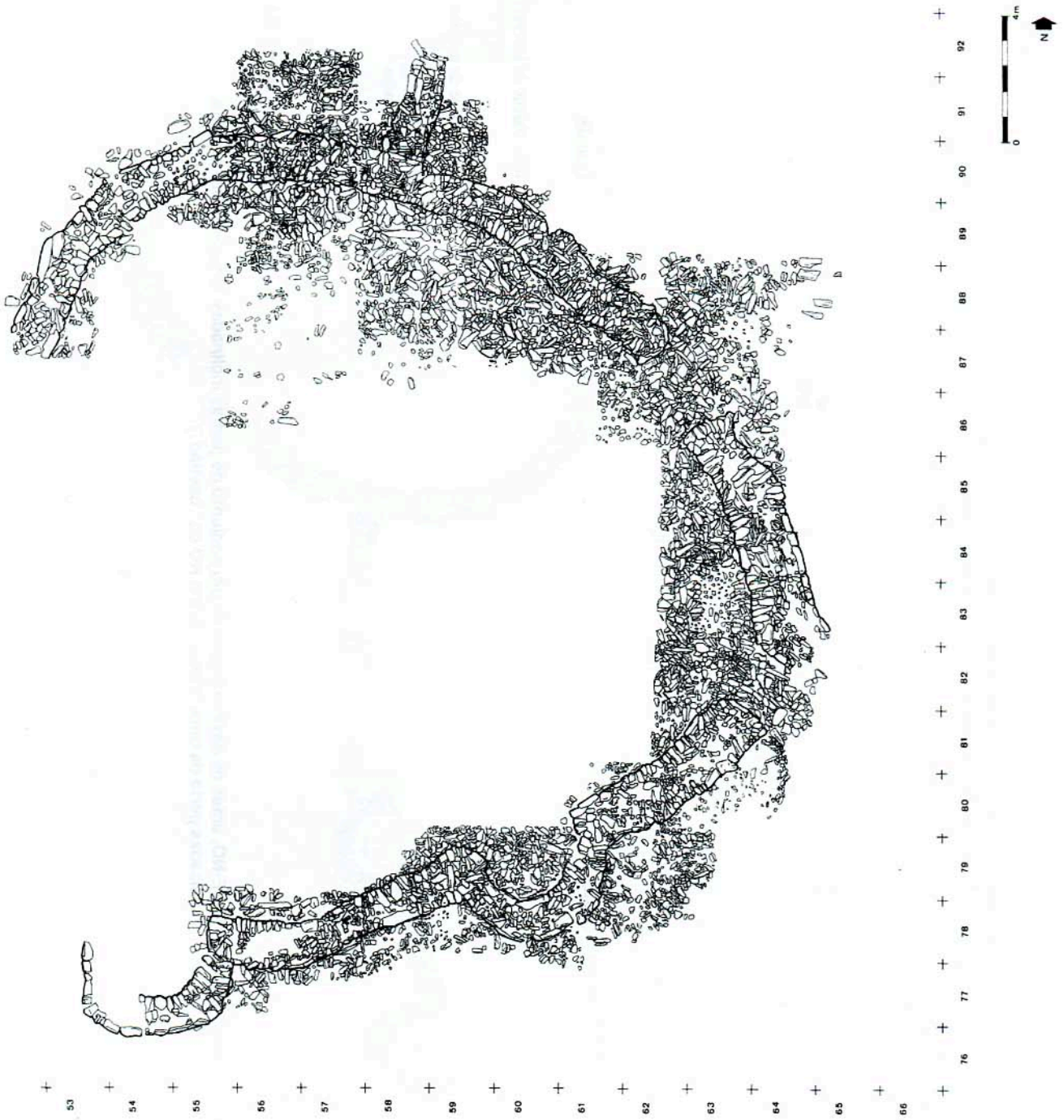
0 20m

III. Planta geral do topo da estação, mostrando a negro as principais estruturas murárias encontradas até 2003 inclusive





V. "Bastião D" do recinto principal: perfil SE-NO, antes da desmontagem de um conjunto de pedras inclinadas, dispostas em escama, localizadas perto de uma "estela" (zona NO do "bastião")

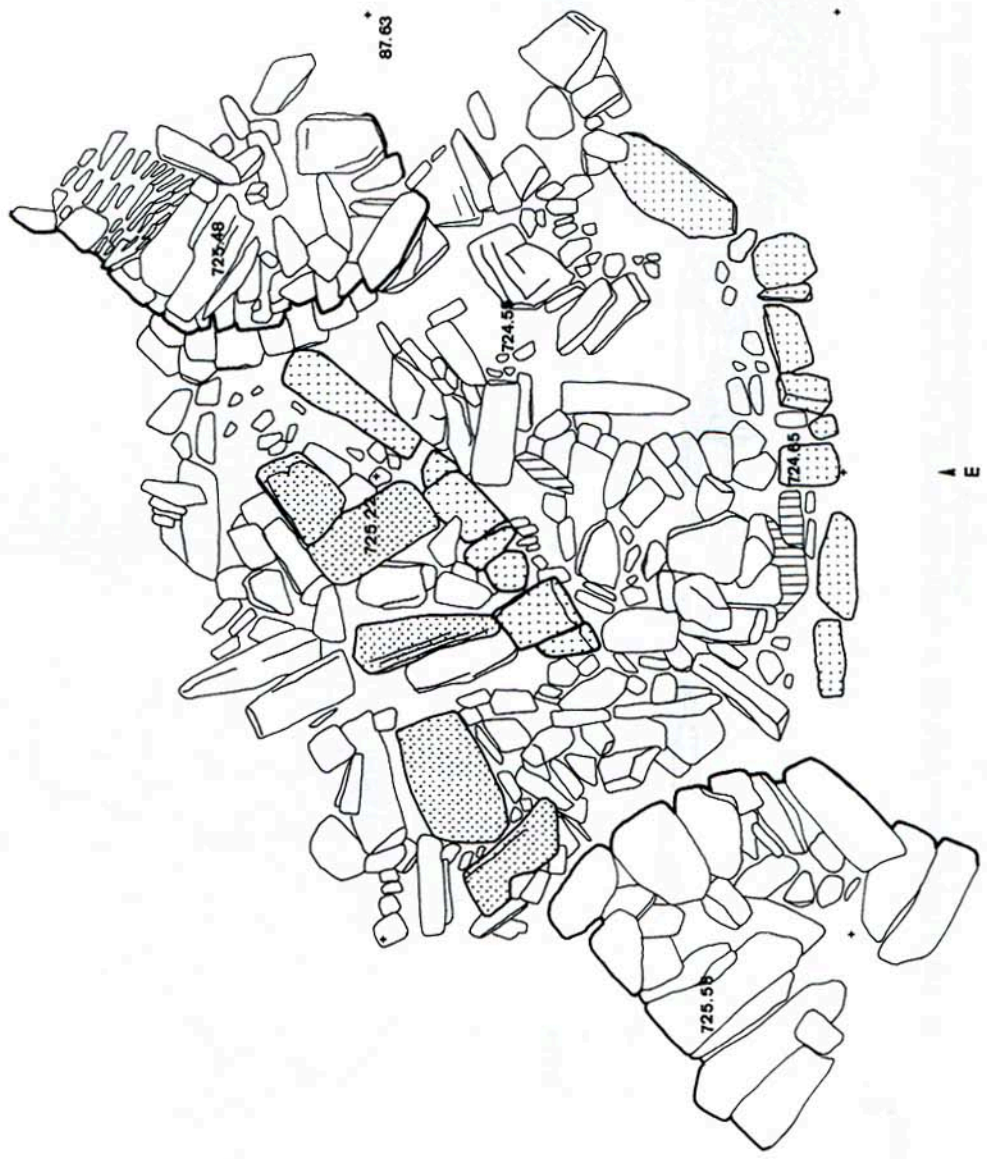


VI. Recinto secundário: resultado em planta das decapagens de 2003, vendo-se duas “entradas” (NE e SE), um “bastião” nítido (E) e outro possível possível (“bastião” F ?)

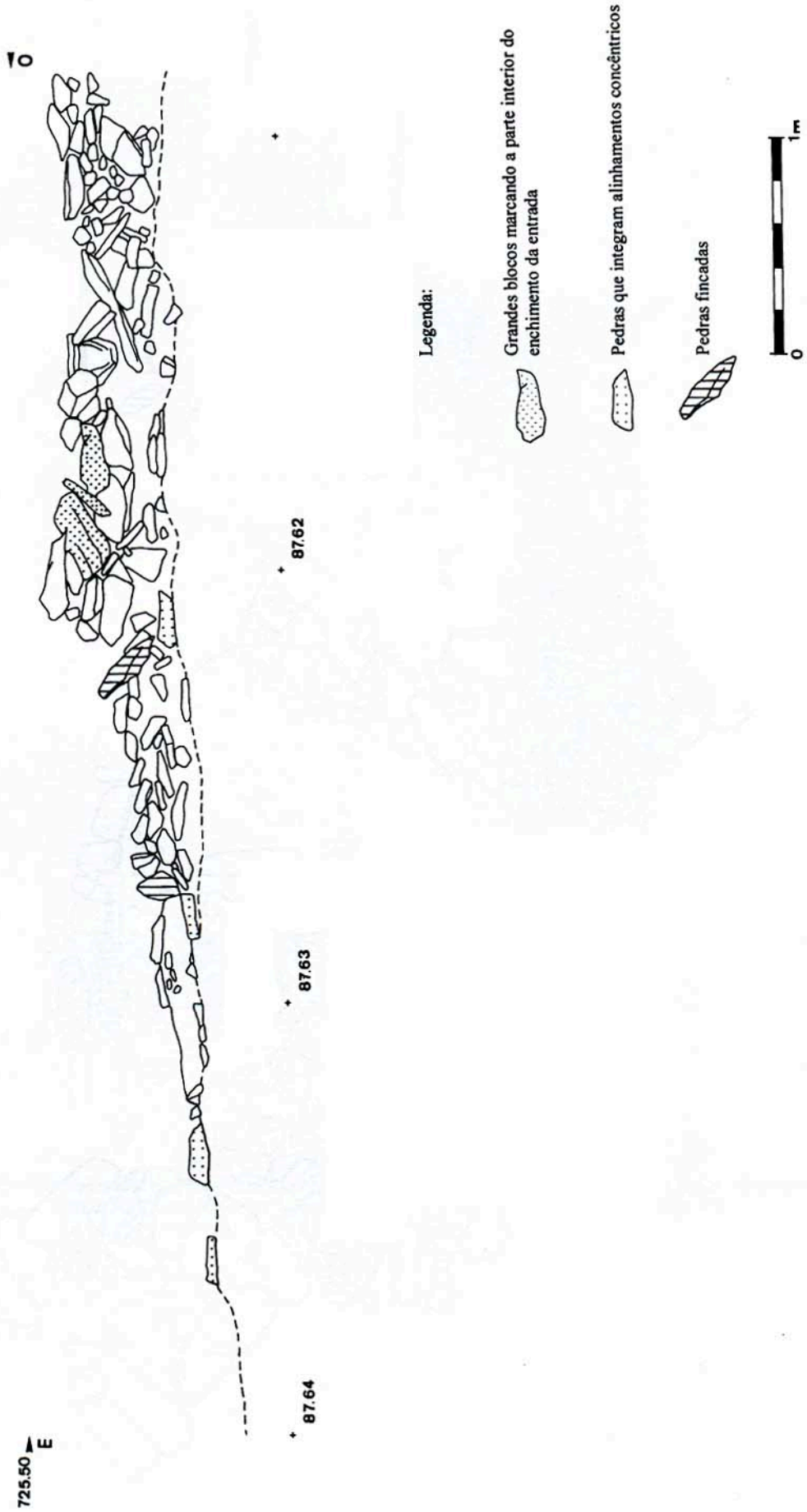
87.62

86.62

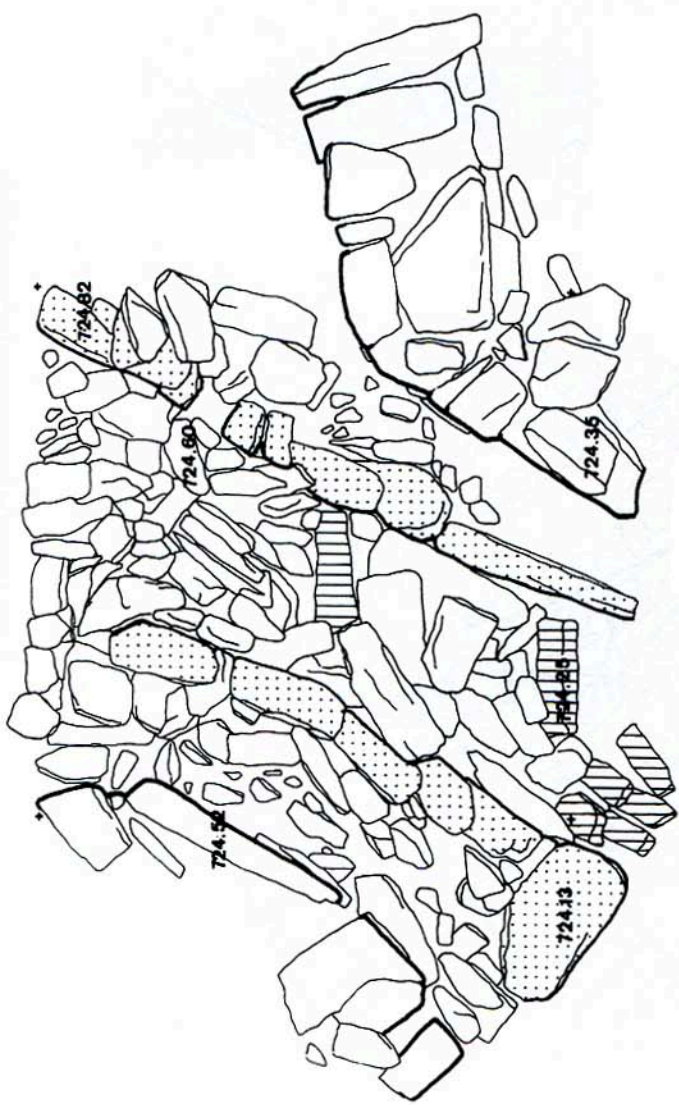
87.63



VII. Entrada NE do recinto secundário numa fase dos trabalhos. Na parte externa encontram-se um conjunto de alinhamentos de pedras, em arcos de círculo, constituindo uma espécie de "degraus" ou, em alternativa, de anéis de uma estrutura de condenação. Na parte interna, o enchimento de condenação apresentava-se faceado, como que imitando a continuação do muro do recinto, na área da antiga entrada



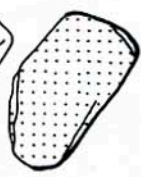
VIII. Corte E-O (simplificado) do enchimento da entrada NE do recinto secundário, num momento dos trabalhos



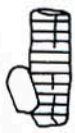
Legenda:



Limites do Murete do Recinto Secundário



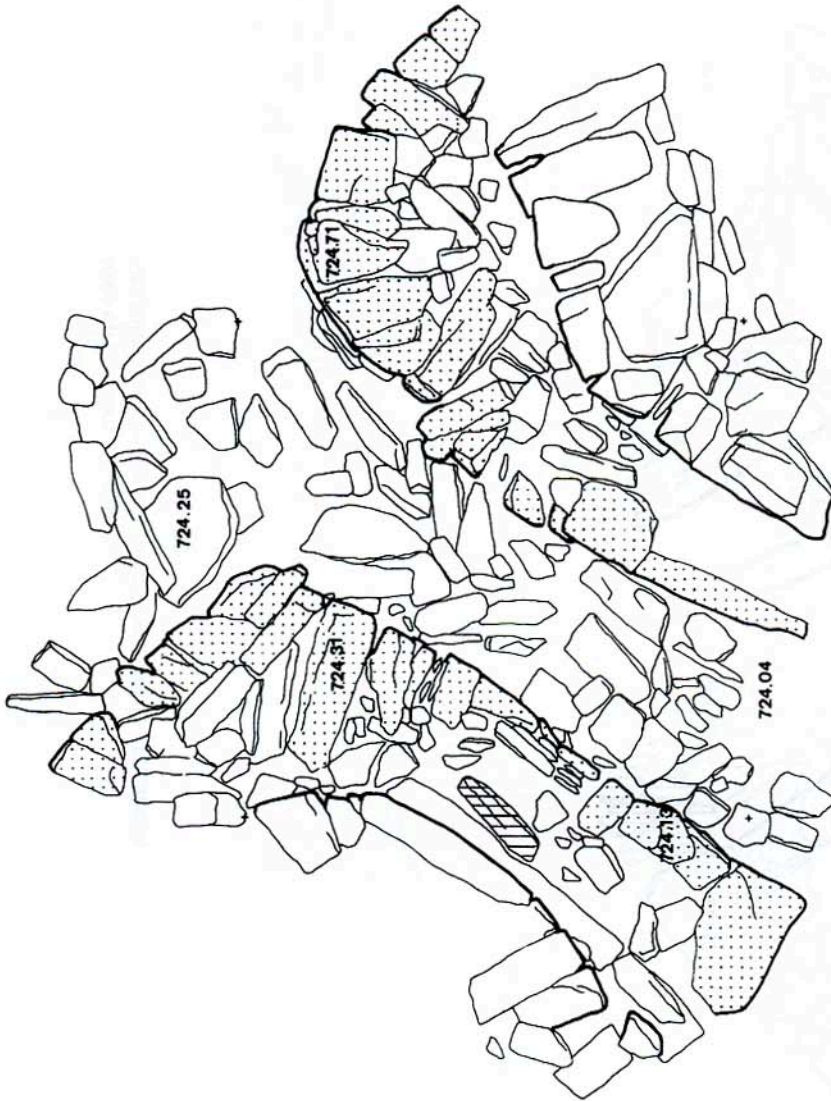
Delimitação dos "muretes" laterais que estreitam a passagem



Pedras fincadas



IX. Planta da porta ou entrada SE do recinto secundário, num momento dos trabalhos, vendo-se os muros delimitadores do recinto e muretes internos de estreitamento do espaço de passagem, quando este estava activo



Legenda:



Limites do Murete do Recinto Secundário



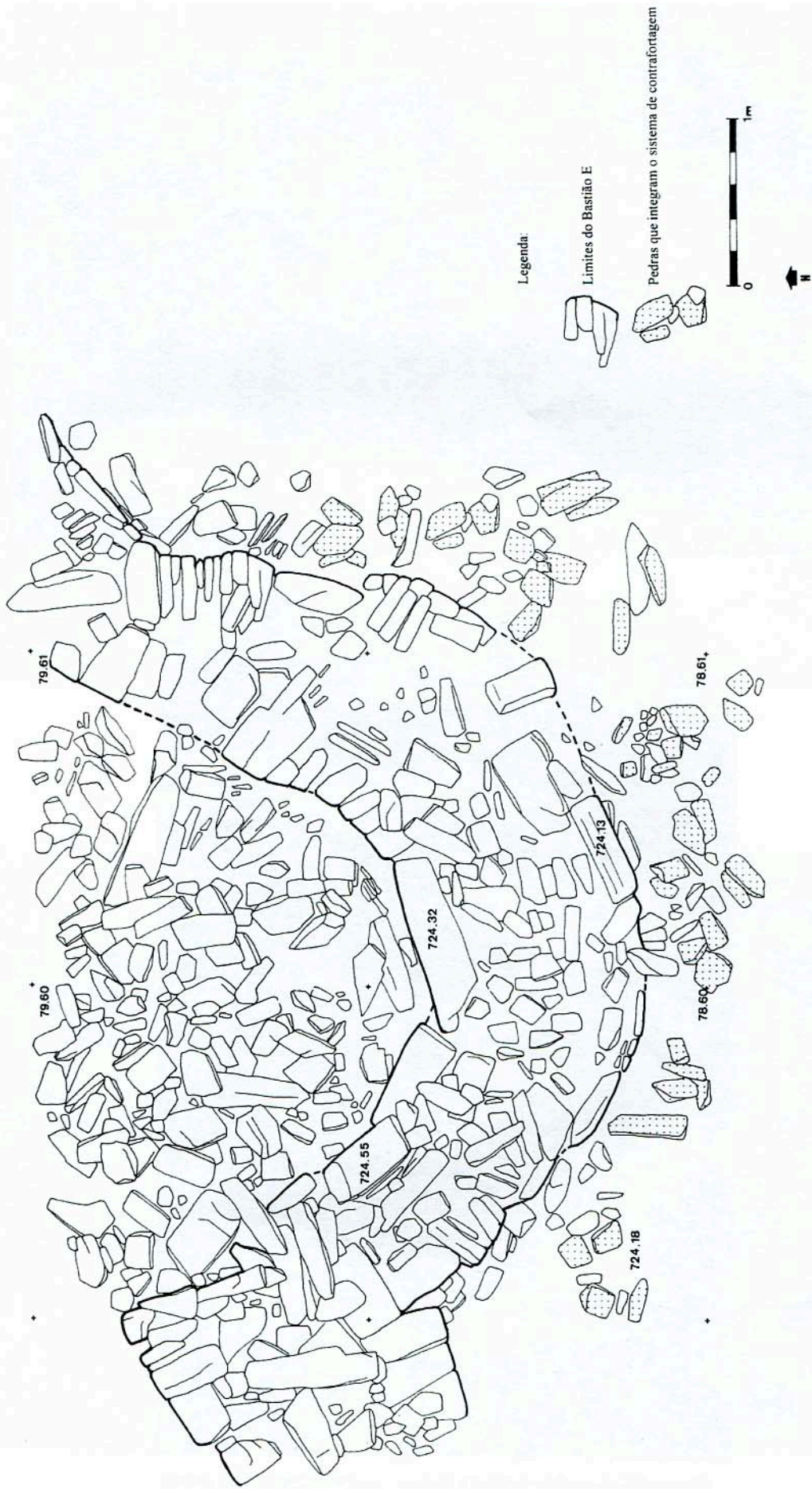
Delimitação dos "muretes" laterais que estreitam a passagem



Pedra fincada



X. Um momento mais avançado dos trabalhos na passagem SE do recinto secundário, em planta



XI. Planta do “bastião” E, logo após a sua delimitação



Fot. 1



Fot. 2

XII. (1 e 2) Enquadramento da estação na paisagem (vista aérea)



Fot. 1



Fot. 2

XIII. (1 e 2) Enquadramento da estação na paisagem (vista aérea)

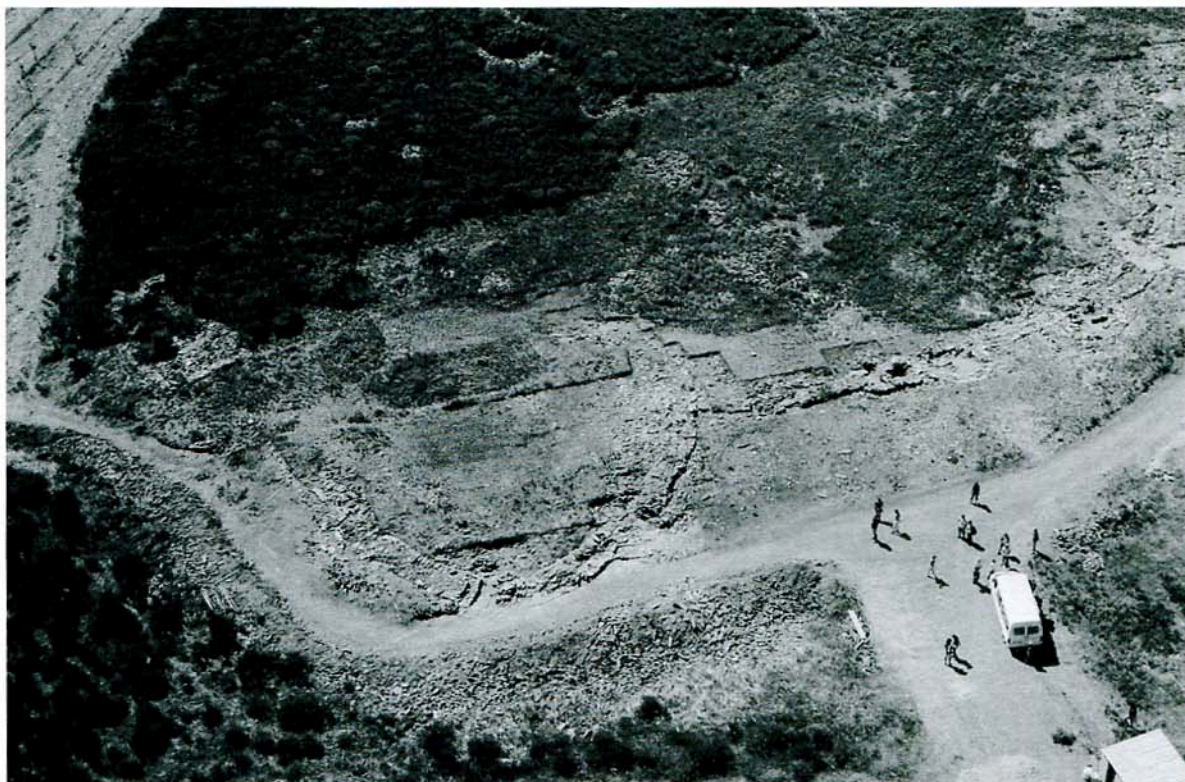


Fot.1



Fot. 2

XIV (1 e 2) Vista aérea da zona intervencionada em 2003 (Recinto Secundário, "Passagem" 2 e "Torre")



Fot. 1



Fot. 2

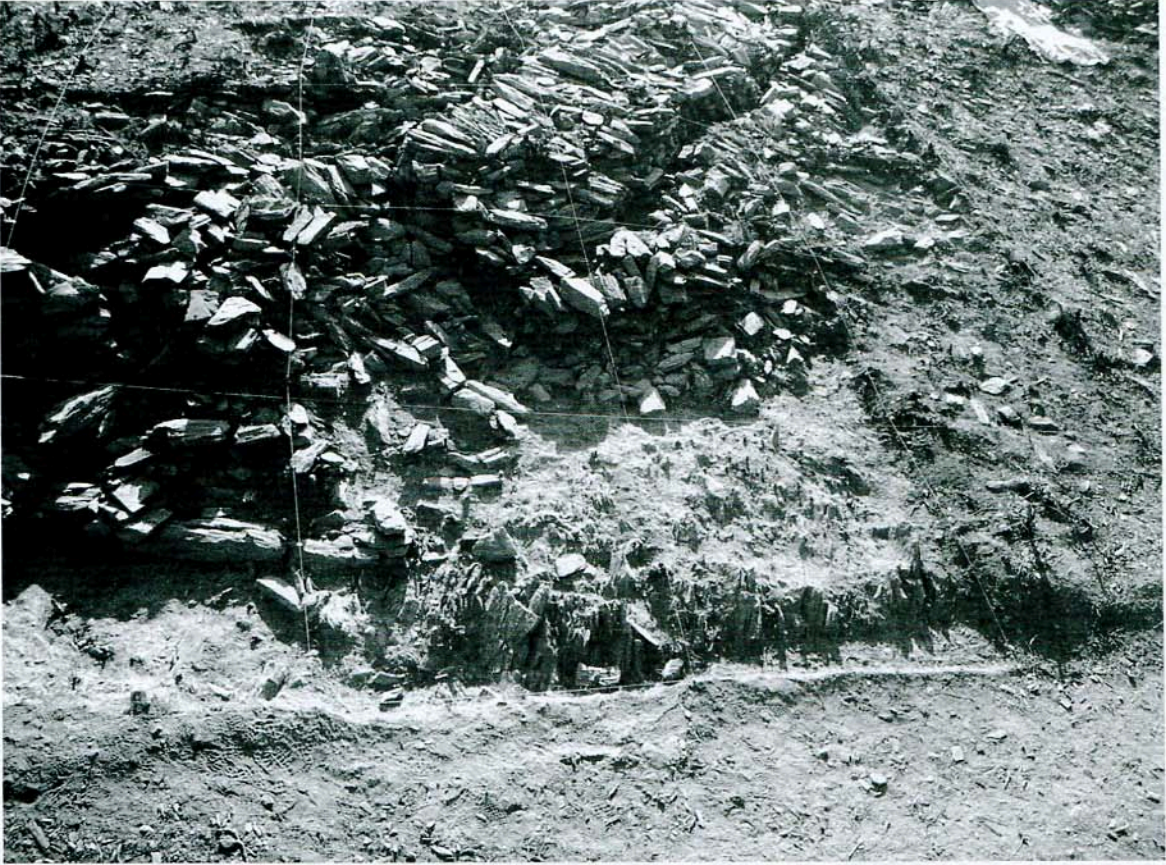
XV. (1 e 2) Vista aérea da zona intervencionada em 2003 (Recinto Secundário)



XVI. 1 – Aspecto parcial de um momento dos trabalhos



XVI. 2 – “Passagem” 4



XVII. 1 – “Passagem” 4



XVII. 2 – “Passagem” 4 e Murete delimitador do Recinto Secundário



XVIII. Pormenor da "Passagem" 4



XIX. 1 – Protecção da “passagem” 4, realizada no fim dos trabalhos



XIX. 2 – “Passagem” 5 e parte do interior do Recinto Secundário



XX. "Passagem" 5 num momento dos trabalhos



XXI. 1 – “Passagem” 5



XXI. 2 – “Passagem” 5 vista a partir do interior do Recinto Secundário



XXII. 1 – Estreitamento da “Passagem” 5



XXII. 2 – Pormenor da “Passagem 5”



XXIII. Pormenor do enchimento interno da "Passagem" 5, visto de leste (do estradão)



XXIV. 1 – Protecção da “Passagem” 5, no fim dos trabalhos



XXIV. 2 – Recinto Secundário num momento dos trabalhos – vista de conjunto, a partir de andaime mintado no estradão



XXV. 1 – Murete delimitador do Recinto Secundário



XXV. 2 – Pormenor do Murete (Recinto Secundário) sob o caminho



XXVI. Murete (Recinto Secundário) – um troço, a norte do mesmo



XXVII. 1 – “Bastião” D durante as escavações de 2003



XXVII. 2 – “Nicho” feito com elementos de moinhos manuais em granito, no interior do “Bastião” D



XXVIII. 1 – “Torre” sub-circular no início da escavação da sua parte interna



XXVIII. 2 – A mesma “torre”, após se ter chegado à base na parte interna, e encontrado os sedimentos em que assenta



XXIX. 1 – “Bastião” E no início da sua escavação (visto de norte)



XXIX. 2 – “Bastião” E – outro aspecto, visto no sentido oposto ao primeiro (visto de sul)